

**FRONTIER HYBRIDISATION OR CULTURE CLASH? TRANSNATIONAL
MIGRANT COMMUNITIES AND SUB-NATIONAL IDENTITY POLITICS IN
ANDALUSIA, SPAIN**

Gunther Dietz

Carolinne Machado Lopes*

No contexto da etnicidade islamofóbica, as atividades de apoio inter-cultural das associações e organizações não-governamentais etnograficamente focadas na região fronteiriça de Andaluzia, na Espanha, são analisados pelo professor associado de Antropologia Social na Universidade de Granada, Gunther Dietz, em seu artigo *Frontier Hybridisation or Culture Clash? Transnational Migrant Communities and Sub-National Identity Politics in Andalusia, Spain* publicado no *Journal of Ethnic and Migration Studies*, volume 30, nº 6, páginas 1087-1112 do ano de 2004 em Brighton, na Universidade de Sussex.

O artigo inicia com a constatação do aumento das tendências xenofóbicas, em particular “islamofóbicas” nas sociedades do oeste europeu, baseadas em estudos etnográficos regionais das inter-relações entre a identidade política, a população local e os processos de formação das sociedades migrantes que ainda são escassos.

Segundo o autor, por um lado há uma tentativa econômica e tecnológica de integração supranacional, que gera perda de peculiaridades culturais em decorrência da migração internacional na Europa. Por outro lado, a redescoberta e criação de um sub-nacionalismo articulado emerge a nível regional ao mesmo tempo em que desafia as identidades nacionais e a legitimidade dos Estados-nação.

Ao refletir-se sobre essa diferenciação política e social do fenômeno multiculturalista versus regionalista, faz-se necessário distinguir duas formas de etnogênese para a construção da identidade nacional: a da população local e a dos migrantes. A região de Andaluzia, por ser produto de múltiplas ondas de imigração e emigração, conquistas e reconquistas, transforma-se em um ambiente propício para ricas análises antropológicas e sociológicas das inter-relações entre as identidades regionais e nacionais na formação da comunidade.

A seguir, o autor discorre sobre a heterogeneidade do fenômeno de imigração e o seu aumento crescente ao longo dos últimos vinte anos na Espanha, e defende a idéia de que a imigração dentro da União Européia não é percebida como parte do processo migratório, mas

* Carolinne Machado Lopes é bacharelanda em Relações Internacionais pelo UniCEUB e membro fundador do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Conflitos Étnicos e Macroeconomia, NEGEM. E-mail: carolinnelopes@gmail.com

como um produto da regionalização da indústria do turismo. Originalmente, imigrantes não-europeus utilizam a região de Andaluzia somente como rota de entrada em suas jornadas para os centros urbanos e industriais da Espanha e de outros países europeus. No entanto, ultimamente, a região tem sido escolhida como destino permanente dos imigrantes.

O processo paralelo de formação da comunidade migrante é modelado pela integração precária e sazonal no mercado de trabalho. Aos migrantes são delegadas as funções recusadas pelos nacionais em ambientes perigosos e insalubres de baixa remuneração que, em sua maioria, são ofertas informais. Na região de Andaluzia, onde a migração não-européia é recente e incapaz de oferecer uma infra-estrutura prévia para a comunidade que está se formando, esse processo tem-se agravado cada vez mais nos últimos tempos. A perda de contato com os parentes, característica de qualquer situação inicial de migração, agregada ao contexto social de rejeição dos muçulmanos pela maioria dos espanhóis católicos, aumenta a carência no contexto social que os cerca.

A ausência de lastros sociais resulta na precariedade de apoio moral, cultural e financeiro. Na verdade, não há uma infra-estrutura que apóie os migrantes na habitação, na educação, na assistência à saúde, na regularização da documentação e no apoio à religião. Em Andaluzia, a não-integração da população migrante com a comunidade local, rural ou urbana é agravada pela relativa novidade do fenômeno migratório, visto que a região era somente uma rota para os grandes centros europeus.

A falta de estabilidade e continuidade nas poucas associações de migrantes existentes, padece com as críticas freqüentes de ONGs e do governo, e são geralmente estendidas para o campo da religião, onde há uma forte distinção entre migrantes de sociedades muçulmanas e convertidos para o islamismo, que não se unem sob o prisma de uma única associação. Os migrantes muçulmanos tendem a se identificar em termos étnicos e nacionais com os países de origem, e os convertidos identificam-se com a sua comunidade. Esta separação dificulta a assistência pretendida pelo governo e pelas ONGs à sociedade muçulmana.

Desde a limpeza étnica ordenada pela Santa Inquisição contra os muçulmanos e judeus em 1492, até a ideologia do Catolicismo Nacional da ditadura de Franco, entre 1939 e 1975, a região andaluz estava proibida de desenvolver qualquer traço de identidade cultural. A formação recente e precária da comunidade de migrantes contrasta com um fenômeno aparentemente diferente: o de formação de identidade, uma vez que a Espanha estava submetida a um intenso processo de “castelhanizar” o país e assimilar a diversidade étnica, cultural e religiosa da maioria católico-castelhana.

Essa homogeneização foi abolida a partir de 1975 no regime pós-Franco durante o processo de democratização. Desde o princípio, a federalização não foi implementada sob termos iguais, uma vez que a Constituição distinguiu dois tipos de região: aquelas permeadas por nacionalismo histórico, distinção cultural e religiosa e aquelas regiões para as quais faltam as idiosincrasias culturais próprias e as identidades étnico-nacionalistas. Essa distinção oficial, segundo o autor, transforma os conflitos sub-nacionais em conflitos étnicos e leva as elites regionais a adotarem estratégias de pragmatismo radical, visando justificar suas reivindicações políticas, sociais e econômicas.

Na tentativa de justificar a singularidade de Andaluzia, os aspectos culturais da região precisaram primeiramente ser “descolonizados” do nacionalismo espanhol da época do regime franquista. Buscou-se a reconstrução da identidade cultural através de políticas de valorização do Catolicismo popular, disseminação da cultura cigana e resgate do legado mouro e muçulmano.

Na acepção do autor, muitos conflitos na Europa emergem a partir do contexto de retorno dos muçulmanos às chamadas regiões mouras. No cenário Andaluz o maior problema relaciona-se com a ambigüidade da sobreposição religiosa, étnica e de natureza racial. A complexidade do caso deriva de uma coincidente, mas contraditória dicotomia a qual os muçulmanos e a sociedade regional e suas instituições estão submetidos. Primeiramente, o “retorno do Islã” para a Península Ibérica desafia o processo de secularização que a Espanha está sujeita. A segunda questão aborda a perspectiva de modelação e emergência da identidade nacional que persiste na maior parte da sociedade e cultura espanhola. Nesse sentido, Samuel Huntington esclarece que:

De forma geral, as sociedades européias ou não querem assimilar os imigrantes ou têm grandes dificuldades para fazê-lo, e não está claro o grau com que os imigrantes muçulmanos e seus filhos desejam ser assimilados. Em consequência disso, uma continuada imigração substancial provavelmente produzirá países divididos em comunidades cristã e muçulmana. Esse resultado pode ser evitado na medida em que os governos e os povos europeus estejam dispostos a arcar com os custos de restringir esse tipo de imigração, o que inclui os custos orçamentários diretos de medidas antiimigratórias, os custos sociais de alienar ainda mais as atuais comunidades de imigrantes e os custos econômicos em potencial, a longo prazo, da escassez de mão-de-obra e de taxas de crescimento mais baixas.¹

Huntington avalia o custo de medidas antiimigratórias na contenção da divisão das comunidades nacionais. A região Andaluz busca equilibrar o fluxo migratório com a

¹ HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial*. Capítulo IV: 8 - Os Choques das Civilizações. Editora Objetiva, Rio de Janeiro: 1997, p. 255-256.

integração dos migrantes muçulmanos na sociedade, entretanto uma conjuntura histórica vigorosa, impõe barreiras à relação dos adeptos do islamismo com os católicos.

O projeto do Estado-nacional espanhol foi fundado em uma mistura de “arabofobia” etnicamente baseada e “islamofobia” religiosamente motivada, onde a construção e imposição de uma identidade hegemônica Espanho-Castelhana sempre legitimou meios de perseguição religiosa inquisitorial, assim como limpezas étnicas implementadas desde 1942 pelas “leis do sangue puro”.

Apesar dos importantes esforços, não somente relativos ao contexto da democracia, mas também inerentes à descentralização e federalização da Espanha, atitudes generalizadamente anti-mouras refletem a combinação étnica, religiosa e de dimensões nacionais discriminatórias prevalentes em amplos setores da sociedade.

A presença pública do Islã nos antigos bairros andaluzes de arquitetura árabe, herança urbanística moura e de elegância oriental, está conscientemente sendo redescoberto e reapropriado pela elite imigrante e de muçulmanos convertidos. O setor islamofóbico no interior dessas sociedades levanta questionamentos acerca do “retorno do Islamismo” e preconiza uma ameaça potencial para a identidade religiosa e para a qualidade de vida da vizinhança.

Ao mesmo tempo, percebe-se que a islamofilia está se transformando em um ponto de convergência estratégico para uma aliança entre os políticos regionalistas, ONGs pró-imigrantes e andaluzes convertidos ao islamismo. Segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho, “os efeitos da integração dos migrantes dependerão dos resultados da luta contra o racismo e a xenofobia”². Neste sentido, a sociedade civil e o Estado contribuem para a integração das minorias nas sociedades locais e regionais que eles simultaneamente fortalecem e empoderam através do processo híbrido (plano macro e plano micro) de integração.

Dietz conclui o artigo com a constatação de que a etnogênese, o nacionalismo, e a formação da comunidade transnacional de migrantes não são fenômenos conceitualmente diferentes. O caso andaluz revela que o caminho dual de processos opostos de nativos versus a etnogênese e a identidade política imigrante, é em si mesmo resultado da tentativa de construir a unidade do sistema. São precisamente as coincidências estruturais das estratégias comuns de identidades políticas que geram e aprofundam o potencial conflituoso da etnogênese.

A presença do migrante na sociedade tanto pode ser um aporte positivo, quanto negativo. Os migrantes, embora indesejados, são importantes para a economia, para a cultura e

² Relatório IV: “En busca de un compromiso equitativo para los trabajadores migrantes en la economía globalizada”. Conferência Internacional del Trabajo. 92ª reunión. OIT. Ginebra, 2004. Página 76.

para a miscigenação. A partir do momento em que o amálgama cultural se sedimentar nessa sociedade, haverá uma pluralidade cultural que se apresentará rica em todos os setores, conduzindo a uma contribuição para o conhecimento, para as crenças, costumes, idioma, artes, moral e lei, o que se percebe como futuro de Andaluzia.